

# A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

*Fernanda Soares Godoi Yano do CANTO  
6º semestre de pedagogia ma Finan*

*Jéssica Cristina NUNES  
6º semestre de pedagogia ma Finan*

*Jessyka Kelly Martins SMANIOTTO  
6º semestre de pedagogia ma Finan*

## 1. APRESENTAÇÃO

Uma das preocupações com a atividade pedagógica, está voltada à leitura. Esta prática é de suma importância para a criança que está inserida desde cedo no mundo letrado. Assim, o educador deve estimular na criança o ato da leitura, indicando a elas bons livros. Ao propiciar esse contato com o mundo das letras, o professor estará contribuindo para a formação de leitores críticos. Para que haja sucesso na formação do leitor, é preciso realizar uma leitura estimulante, diversificada, crítica e reflexiva, porém prazerosa.

## 2. INTRODUÇÃO

Quanto mais cedo se iniciar o processo de aprendizagem de leitura, mais chances se terá de formar um cidadão crítico que não abandonará o hábito de ler. A criança que sempre tiver em seu alcance livros e souber lê-los e manuseá-los corretamente, dificilmente irá procurar resumos de obras literárias. E quando crescer saberá distinguir uma leitura boa de uma de má qualidade, e conseqüentemente aprimorará seu desenvolvimento na escrita. Concordando com esta postura temos o seguinte enunciado de Lajollo. “Ninguém nasce sabendo ler, aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida [...]” (LAJOLO, 2005, p.07).

Bebês podem até não entender todo o enredo de uma história, mas a leitura em voz alta os colocam em contato com outras dimensões das linguagens oral e escrita, que serão importantes em seu desenvolvimento. ‘Eles percebem que a fala do dia-a-dia é diferente daquela usada numa leitura, que tem cadência, ritmo e emoção. Entendem, por exemplo, que há um começo, um clímax e um desfecho’. [...] Especialistas acreditam que, para alguém se interessar por livros na vida adulta, é fundamental que a palavra escrita esteja ao seu alcance desde cedo. Ou seja: estimular a leitura dentro do berçário, com bebês que ainda nem aprenderam a falar, pode ser o caminho mais curto para a formação de um futuro leitor. ‘Manuseando um livro, eles são capazes de identificar a existência da grafia e passam a estabelecer uma relação direta com a linguagem escrita’. (PRIOLLI; SALLES, 2008, p. 10-12)

Cada criança que chega à escola está em uma fase diferente de alfabetização, isto é, possuem diferentes conhecimentos de acordo com a realidade em que está inserida. Dessa maneira o ambiente escolar deve ser preparado e pensado para proporcionar inúmeras interações com a língua oral e escrita.

Resgata-se, portanto, o papel da escola como ambiente motivador em potencial para os futuros leitores. Ressalta-se a importância do professor e do contador de histórias, pois são indivíduos que tem em suas mãos outros indivíduos. São formadores e podem transformar os hábitos e as atitudes dos pequenos, tornando-os leitores, seres que possam ver o mundo numa perspectiva diferente e que sejam conscientes, lendo as linhas nas entrelinhas e o texto no contexto. (PERES, 2009, p. 11-12).

A orientação e o acompanhamento do educador, com a finalidade de incentivar o interesse do aluno pela leitura, não deve ser de forma “obrigatória”, pois o leitor necessita de liberdade. Quando imposta, cobrada e avaliada por meio de provas ou fichas de leitura, com certeza, este tipo de avaliação afastará o educando da leitura. O professor deve escolher livros que tenham identificação, diretamente relacionada com a vida de seus alunos, para aproximar e resgatar o interesse, a magia, que há nos livros e suas histórias. Prado (1996, p. 8) afirma dizendo que “[...] algo muito urgente para todas as escolas, e cuja falta tanto vem contribuindo para o esvaziamento cultural do povo brasileiro: a leitura. Os livros literários”.

Grossi ressalta que:

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato apenas com idéias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] 'é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido', conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles, abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (2008, p. 3).

Durante o Seminário realizado de 09 a 11 de outubro de 2006, em Cartagena, Colômbia, que reuniu ministros e especialistas da educação, de quase todos os países da América Latina e Caribe, com participantes da África e Ásia, objetivando conhecer e trocar experiências sobre seus programas de sucesso para o desenvolvimento da educação, concluiu-se, que 'para melhorar a educação é necessário começar pela leitura'. (LÜCK, 2006, p. 8-9)

[...] é fundamental que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leitura. O mais urgente, é investir em material humano, com a formação de mediadores e bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por todo o país. "Mediadores são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada." (LINARD; LIMA, 2008, p. 9, apud. LAJOLO).

## 2. O Papel do Docente na Formação do Leitor

A formação docente é um dos principais entraves a uma prática educativa de qualidade, especialmente no que se refere ao ensino da leitura, pois o que se percebe é certo conformismo e desgosto pela leitura presente na comunidade escolar, tornando-a, assim, uma prática desmotivadora tanto para o educador quanto para o educando. Mesmo que todos os quesitos ideais necessários a uma prática de ensino da leitura fossem efetivados na escola, seria indispensável a presença de professores leitores, que sentissem prazer na leitura, que fossem bem informados e instrumentalizados para tal prática.

Na leitura, o diálogo do aluno é com o texto. O professor, mera testemunha desse diálogo, é também leitor, e sua leitura é uma das leituras

possíveis. Se considerarmos algumas posturas ante a leitura de um texto, talvez a sua prática na escola cumpra a verdadeira interlocução com seus possíveis leitores e contribua para um “incentivo à leitura”. (GERALDI, 2004, p. 91).

O ato da leitura é importante nessa fase para transformar o aluno leitor passivo em leitor sujeito, pois, só através dessa ação, ele se tornará capaz de construir sua própria leitura e analisar sua visão de mundo. Paulo Freire (1989, p. 9) enfatiza que o ato de ler “[...] Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo” (SIC)”.

Além disso, a inserção da leitura, no contexto escolar, deve ser de forma dinâmica e agradável, utilizando-se, por exemplo, do caráter lúdico que pode ser dado às estratégias de leitura. Dessa forma, enquanto o aluno “aprende a ler”, estará, ao mesmo tempo, desenvolvendo a sociabilidade e a integração. O gosto de ler, portanto, será adquirido gradativamente, através da prática e de exercícios constantes.

O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada a sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. (RCNEI, 1998, p. 117).

O papel da escola é fundamental nesse processo, no qual o professor, sendo o principal agente no processo de melhoria da qualidade do ensino, poderá realizar uma série de atividades que favoreçam a aproximação do educando com a leitura. Para que essa prática se torne interessante ao outro, ela deve ser introduzida de maneira agradável e estimulante e não de maneira autoritária e em forma de obrigação, pois ela é a condição essencial para o bom desempenho da linguagem oral e escrita.

### 3. A Formação do Leitor Crítico

A literatura infantil é como uma manifestação de sentimentos e palavras, que conduz a criança ao desenvolvimento do seu intelecto, da personalidade, satisfazendo suas necessidades e aumentando sua capacidade crítica. Esta

literatura tem o poder de estimular o imaginário, de responder as dúvidas do indivíduo em relação a tantas perguntas, de encontrar novas idéias para solucionar questões e instigar a curiosidade do leitor. Nesse processo, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer. É através de um conto ou de uma história, que a criança pode conhecer coisas novas, para que efetivamente sejam iniciados a construção da linguagem, da oralidade, ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação pessoal.

O livro leva a criança a desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação criadora, e algo fundamental, o livro leva a criança a aprender português. É lendo que se aprende a ler, a escrever e interpretar. É por meio do texto literário (poesia ou prosa) que ela vai desenvolver o plano das idéias e entender a gramática, suporte técnico da linguagem. Estudá-la, desconhecendo as estruturas poético-literárias da leitura, é como aprender a ler, escrever e interpretar, e não aprender a pensar. (PRADO, 1996, p. 19-20).

Considera-se que o gosto pela leitura se constrói através de um longo processo e que é fundamental para o desenvolvimento de potencialidades, há a necessidade de se propor atividades diversas e diferenciadas para a formação do leitor crítico.

Segundo Prado (1996, p. 19), “no período mais importante de se formar o gosto pela leitura, as crianças estão na escola de primeiro grau. Está, pois, na escola de primeiro grau o maior compromisso com a formação do leitor”.

O educador deve reservar espaços em que proponha atividades novas sem o compromisso de impor leituras e avaliar o educando. Trata-se de operacionalizar espaços na escola e na sala de aula onde a leitura por fruição-prazer possa ser vivenciada pelas crianças.

Nesse contexto, o professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir daí escolher um trabalho ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto, deixando-o se expressar. Assim a proposta de atividades variadas é de grande valor para o processo de construção da autonomia e desenvolvimento da criança em formação.

#### 4. O Ensino e a Aprendizagem da Leitura e da Escrita

A leitura e a escrita são muito importantes para que as pessoas exerçam seus direitos, possam trabalhar e participar da sociedade com cidadania, se informar e aprender coisas novas ao longo de toda a vida.

Na escola, crianças e os adolescentes precisam ter contato com diferentes textos, ouvir histórias, observar adultos lendo e escrevendo. Precisam participar de uma rotina de trabalho variada e estimulante e, além disso, receber muito incentivo dos professores e da família para que, na idade adequada, aprendam a ler e escrever. (MEC, 2006, p. 05).

O pouco acesso à cultura escrita se deve às condições sociais e econômicas em que vive grande parte da sociedade. O aluno que vê diariamente os pais folheando revistas, lendo correspondências e utilizando a internet tem muito mais estímulo de aprender a língua escrita do que aquele em que seus pais têm pouca escolaridade. Isso ocorre porque ao observar os adultos a criança percebe que as letras possuem significados e assimilam alguns comportamentos como folhear livros, pegar na caneta para brincar de escrever ou mesmo contar uma história imaginária.

O ponto de partida para democratizar o contato com a cultura escrita é tornar o ambiente alfabetizador: a sala deve ter livros, cartazes com listas, nomes e textos elaborados pelos alunos (ditados ao professor) nas paredes e recortes de jornais e revistas do interesse da garotada ao alcance de todos. Esses são alguns exemplos de como a classe pode se tornar um espaço provocador para que a criança encontre no sistema de escrita um desafio e uma diversão. Outra medida é ler diariamente para a turma, pois a criança que lê pelos olhos do professor, porque ainda não pode fazer isso sozinha, vai se familiarizando com a linguagem escrita. (CAVALCANTE, 2006, p. 24).

Elas devem escrever sempre, mesmo quando a escrita parece apenas rabiscos, garatujas. Ao pegar o lápis e imitar os adultos, elas criam um "comportamento escritor". E, ao ter contato com textos e conhecer a estrutura deles, podem começar a elaborar os seus.

Segundo os PCNs, é necessário que o educador leia vários textos para aqueles que ainda não sabem ler e seja escriba daqueles que ainda não sabem escrever.

Quando são lidas histórias ou notícias de jornal para crianças que ainda não sabem ler e escrever convencionalmente, ensina-se a elas como são

organizados, na escrita, estes dois gêneros: desde o vocabulário adequado a cada um, até os recursos coesivos que lhes são característicos. Um aluno que produz um texto escrito, isto é, um texto cuja forma é escrita ainda que a via seja oral. Como o autor grego, o produtor do texto é aquele que cria o discurso, independente de grafá-lo ou não. Essa diferenciação é que torna possível uma pedagogia de transmissão oral pra ensinar a linguagem que se usa para escrever. (PCN, 1997, p. 28)

A aquisição da escrita alfabética não indica que o educando seja capaz de compreender e produzir textos escritos. O educador deve trabalhar com diversos textos, principalmente aqueles que circulam socialmente, para estimular a aprendizagem.

O gosto pela leitura é construído num processo que é simultaneamente individual e social, pois o ouvir histórias é para quem sabe e para quem não sabe ler. O educador deve compreender e entender as dificuldades das crianças, estimulando-as a ouvir e produzir textos, desenvolvendo assim as competências e habilidades individuais de cada uma, estimulando a leitura como instrumento de libertação, criatividade e reflexão crítica.

[..] ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências lingüísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever. (RCNEI, 1998, p. 117)

Na verdade, não se pode considerar leitura apenas o ato de reproduzir o texto ou contar a história, sendo encarada simplesmente como um processo de decodificação, pois ela envolve diversos aspectos que vão além de decodificar o que está escrito. Leitura é um processo que se inicia antes do contato com o texto e vai além dele. O leitor participa do processo num contexto determinado, com toda a sua experiência de vida e de linguagem. Um leitor diante de um mesmo texto, mas em condições diferentes, realiza diferentes leituras. Desse modo, pode-se dizer que o aprendizado da leitura é uma tarefa permanente, que se enriquece com novas habilidades. Para isso, é importante proporcionar condições de leitura participativa e criativa.

A leitura é de fundamental importância para a construção e reconstrução do conhecimento de mundo. É importante lembrar que a leitura de um texto faz o

leitor criar, recriar, escrever, reescrever ou produzir outro texto, resultante das experiências e da interação social. Além disso, a leitura auxilia no desenvolvimento da escrita, que é algo necessário e imprescindível, para a formação do leitor/escritor.

O domínio da Língua [...] é fundamental para a participação social e efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimentos. (PCN, 1997, p. 15).

Os momentos de leitura devem ser proporcionados às crianças fazendo-as sentirem prazer a ler bons livros, livros esses que estimulem sua imaginação, as levem a criar, a se distraírem, a entrarem num mundo de fantasias, auxiliando no processo ensino-aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo. Assim, ao propiciar o contato com o mundo das letras o educador estará contribuindo para a formação de leitores críticos.

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. (PCN – Língua Portuguesa, 1997, p. 29).

Dessa forma, cabe ao professor proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir daí escolher um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades desses. E a escola deve refletir e redirecionar sua postura diante da prática leitora que pode, dependendo de como for conduzida, transformar o aluno num leitor ou afastá-lo de qualquer leitura.

A criança não aprende a ler sozinha, cabe ao educador auxiliá-la nesse processo, estimulando o gosto pela leitura a partir de uma aproximação significativa com os livros. Assim, para que haja sucesso na formação do leitor, é preciso proporcionar uma leitura estimulante, diversificada, crítica e reflexiva.

### Considerações Finais

A formação do leitor crítico constitui o maior desafio para os educadores. De fato, aprender a ler envolve diversos fatores. O texto deve despertar um certo sentimento no leitor. Este, por sua vez, poderá tornar-se um leitor crítico, sendo

capaz de utilizar a leitura, de forma a compreendê-la e assimilá-la a sua vida, transformando-a em conhecimento, enriquecimento e prazer. Por isso, a leitura deve ser vista como uma fonte inesgotável de pesquisa e não como uma simples decodificação de símbolos gráficos.

#### Referências

CAVALCANTE, Meire. **Alfabetização: Todos podem aprender**. Nova Escola, São Paulo, SP, ed. 190, mar 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se contemplam**. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2004.

GROSSI, Gabriel Pillar. **Leitura e sustentabilidade**. Nova Escola, São Paulo, SP, n° 18, p. 3, abr 2008.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2005. 109p.

LINARD, Fred; LIMA, Eduardo. **O X da questão**. Nova Escola, São Paulo, SP, n° 18, p. 7-9, abr 2008.

LÜCK, Heloísa. **A gestão pedagógica da escola focada na leitura**. **Gestão em Rede**, Curitiba, PR, n° 73, p. 8-9, out 2006.

MEC, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Indicadores da Qualidade na Educação: Dimensão Ensino e Aprendizagem da Leitura e da Escrita**. São Paulo: Ação Educativa, 2006. p. 05.

PARÂMETRO CURRICULAR NACIONAL. Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. p. 91.

PERES, Giani. **Contar Histórias: Professor-contador contribui para a aprendizagem dos alunos**. *Revista do Professor*, Rio Pardo, RS, n° 99, p. 10-12, jul/set 2009.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996. 76 p.

PRIOLLI, Julia; SALLES, Carol. **Fraldas e livros**. Nova Escola, São Paulo, SP, n° 18, abr 2008.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 3 vol., 1998. p. 117.